

O papel dos médicos e engenheiros na modernização da área central da cidade de Campos dos Goytacazes, no início do século XX

TERESA PEIXOTO FARIA – Doutora em Estudos Urbanos
LEEA/ CCH/UENF
teresapf@uenf.br

A partir das últimas décadas do século XIX, principalmente com o fim da escravidão e conseqüente passagem para o modo de produção capitalista, e com a proclamação da República, diversas cidades brasileiras passaram por reformulação do espaço urbano, traduzida em planos de modernização, saneamento e expansão. Assim, a cidade, doravante lugar ideal para a circulação dos paradigmas da ordem moderna baseados na ciência, progresso e civilização, tornou-se um espaço de intervenções urbanísticas e também de controle sobre a população e suas práticas. Essas intervenções se associavam aos interesses das elites políticas e econômicas do país visando a consolidação do regime republicano e adequação aos processos de acumulação capitalista. As práticas sanitárias surgiram, então, no Brasil como um dos pontos de inserção do poder do Estado no processo de modernização da sociedade brasileira.

Iniciou-se a construção do Brasil moderno, acompanhada da produção de um discurso baseado no ideal do novo, do progresso e de ruptura com o passado, elaborado, na maioria das vezes, por médicos e engenheiros sanitários e intelectuais. As intervenções médicas no espaço urbano não se destinavam apenas ao tratamento e prevenção de doenças, mas também influenciavam nos novos padrões de conduta da sociedade. Aos engenheiros, foi atribuída a tarefa de reformar o espaço urbano e as precárias condições de moradia.

O médico teve uma participação destacada na normatização do espaço urbano, desde o século XVIII, nas cidades européias, devido ao seu papel no combate às doenças infecto-contagiosas. A medicina intervinha nos hábitos, nos costumes e na moral dos indivíduos, tendo como alvo principal, a população pobre urbana.

No Brasil, o estabelecimento de relações mais sistematizadas entre as técnicas do saber médico e a sociedade se desenvolveu no decorrer do século XIX. Percebe-se que o intuito do estado era *medicalizar* o conjunto da sociedade brasileira sob os mais diversos aspectos¹.

O médico passou gradativamente a inscrever-se como *cientista social*, incorporando em suas atividades o uso de estatísticas, do conhecimento geográfico e histórico dos locais a intervir, acumulando um saber empírico e pragmático. Neste sentido, delineou-se, com crescente nitidez a figura do médico político, cuja função era agir sobre os problemas das doenças infecto-contagiosas e de tudo aquilo que fosse considerado como “desorganização urbana”.

Importa notar que, no final do século XIX, a filosofia positivista influía sobre a prática médica, transformando-a em verdade incontestável, através do método positivo baseado na observação, indução e experimentação. A engenharia como outras áreas de conhecimento, também tinha a base teórica na doutrina positivista comtiana. Esta sensação de verdade incontestável permitia a esses especialistas se sentirem como responsáveis pela orientação e organização da “nação”, ajustando-se assim, às demandas de reordenação social que existiam por parte do Estado. Desse modo, instituições como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Medicina da Bahia e a Escola Politécnica do Rio de Janeiro tornaram-se responsáveis pela formação do saber científico que passaram a ser considerados prioritários na produção dos discursos dos novos intelectuais brasileiros².

Para Costa³ a questão da salubridade levantada pela medicina ligou-se, de imediato, ao interesse do país. Mas esta higienização das cidades esbarrava freqüentemente nos hábitos e condutas, principalmente da população pobre urbana, por isto para o Estado a reconversão das famílias pela higiene tornou-se uma tarefa urgente.

Mas, muitas medidas médicas sanitárias, que dizem respeito aos melhoramentos de higiene das cidades, seriam impossíveis sem o engenheiro. Os processos médicos de saneamento são sempre combinados com o da engenharia, ambos têm um campo comum de trabalho no aperfeiçoamento das condições higiênicas⁴.

A tarefa do engenheiro civil na virada do século XIX para o século XX era de um profissional que atuaria em áreas diversificadas da engenharia, que segundo Andrade⁵ implicava em um amplo leque de projetos, de ferrovias, portos, obras de saneamento, infraestrutura, reformas ou planejamento de cidades. Fabris⁶ explica que como a sociedade não tinha condições de produzir por si só uma alternativa “regeneradora”, cabia aos engenheiros por fim ao atraso colonial. Isto coube também aos médicos sanitaristas, aos literatos a partir da inexistência de uma elite política capaz de tomar a direção do progresso modernizador.

No caso da cidade de Campos dos Goytacazes a participação de médicos e engenheiros nas questões relativas ao espaço urbano foi fundamental para a realização de um projeto de modernização da cidade. Particularmente, a inserção do médico na função político-administrativa e na reformulação/modernização do espaço urbano foi bastante significativa⁷ e digna, por conseguinte de um estudo mais aprofundado.

As discussões na Câmara Municipal, sobre as condições de salubridade da cidade começaram a se intensificar no final do século XIX. Paralelamente as intervenções urbanas ocorridas, nos anos 1870/80, dotando a cidade de novos equipamentos e infra-estrutura⁸, são implementadas *Posturas Municipais* relativas à limpeza pública e higiene, à circulação, à construção e manutenção de edifícios como matadouros, cemitérios e também das habitações.

Na gestão do médico Gesteira Passos, em 1896, é lançada uma série de leis restritivas, visando não somente à higiene como também o embelezamento e a modernização da cidade⁹. Na reunião da Câmara Municipal o médico Cardoso de Mello¹⁰ apresenta os termos de uma nova *Postura Municipal*, cujo conteúdo coaduna com os discursos higienistas:

Considerando que o Município de Campos por sua riqueza, pelo desenvolvimento do seu comércio e de sua indústria, considerando que não podemos retardar a instalações de um serviço de higiene pública dentro das normas da ciência moderna. A fim de combater os fatores de contaminação e promover a civilização e o progresso (...) A Câmara Municipal decide criar a função de inspetor e delegado municipal para as questões de higiene,

Instituto de vacinas, e o departamento de higiene. (Ata da reunião de 4 de setembro de 1896, apud Faria 1998).

No mesmo ano de 1896, uma Comissão de Saneamento dirigida pelo engenheiro Marcelino Ramos elabora um relatório sobre o estado sanitário da baixada campista e executa obras de drenagem em torno da Lagoa Feia¹¹, favorecendo a agricultura e saneamento das cidades de São João da Barra e Macaé.

Esses anos marcam a construção de uma problemática objetiva a respeito do estado de saúde da população e das péssimas condições do meio ambiente, conferindo à cidade de Campos uma imagem dramática de insalubridade que exigiria medidas urgentes visando remodelar e sanear a cidade.

O médico Benedito Pereira Nunes¹² elaborou, em 1901, seu programa administrativo, cujo objetivo era implementar um projeto que orientasse os trabalhos necessários para a superação do *estado de depressão sanitária* da cidade. Pereira Nunes declarou em *Acta da Primeira Sessão Ordinária de 08 de abril de 1901* que “constrangia-lhe o espírito de campista, ver sua terra, por um lado considerada a capital da democracia fluminense e pelo lado da higiene, a capital da imundície brasileira”.

O quadro desenhado da cidade continuava crítico e desolador, como demonstra este extrato do jornal *O Monitor Campista*:

A peste zomba da todas as defesas agressivas e defensivas postas em prática, com esforço e dedicação das autoridades sanitárias. As condições higiênicas da cidade são más, quer na maioria dos prédios sem ar e sem luz quer no subsolo infiltrado pelos escapamentos de fezes na rede de esgotos pela contínua falta de água para a perfeita diluição dos excretos e seu fácil escoamento. (*O Monitor Campista*, 07/01/1901)

Diante da constatação do estado de insalubridade da cidade, Pereira Nunes solicitou ao engenheiro Saturnino Rodrigues de Brito¹³, um projeto de saneamento¹⁴ para a cidade de Campos dos Goytacazes. Brito desenvolveu diversos estudos e projetos de saneamento e melhoramento para importantes cidades brasileiras como Vitória, Santos e Recife. Brito vê e analisa a cidade, interpretando os problemas urbanos e apontando soluções, planejando o espaço de acordo com as futuras expansões, indicando a primazia da higiene doméstica sobre todos os fatores da salubridade das cidades.

O plano de saneamento e expansão elaborado para Campos (Brito, 1943) foi constituído em três partes¹⁵. Desde a introdução, Brito anuncia seu propósito: «*Preocupados, digamo-lo desde já, chamar a atenção para a necessidade de educar as populações nos bons princípios da higiene*», e termina reafirmando sua crença no projeto positivista, esperando “*Que se desfaçam todas as nuvens que escurecem o firmamento da nossa existência social: que a Política da Ordem e do Progresso, iluminadora e saneadora e vivificadora, inicie a sua ascensão reta nos horizontes de cada pequena Pátria do nosso Brasil. Para ele “a necessidade de sanear o município insalubre se afirma no seu centro vital, a cidade”.*

Na primeira parte, Brito discute a necessidade do levantamento da planta topográfica, comentando as plantas já existentes, apontando seus defeitos e incorreções. Constata que em virtude da não utilização de um plano racional, a situação de Campos era complexa e defeituosa. Na segunda, examina primeiramente as condições ambientais do Município e da cidade, fazendo um diagnóstico do estado dos rios, lagoas, pântanos e analisa as condições climáticas. Examina também a situação das estradas, das ruas, das praças, fazendo um diagnóstico detalhado a partir do qual ele indica as soluções. Além de drenagem de áreas inundáveis, e construção de parques e praças, Brito concebe um plano completo para o Matadouro e Mercado Municipais. Na terceira parte, o engenheiro se dedica à questão da moradia. Ao falar do domicílio, Brito faz a relação entre integridade higiênica e moral; ressalta a prioridade da higiene do domicílio sobre todos os outros fatores de salubridade das cidades, mas reafirma que é necessário preservar a vida privada da casa.

Brito concebe o plano de expansão da cidade que deve ser ressaltado, pois é o primeiro projeto de urbanização visando a cidade no seu conjunto, propondo uma intervenção, em um tecido urbano em pleno processo de expansão, o que era uma novidade na planificação urbana nascente. Assim, Brito dedica uma atenção particular às extensões de terreno ao longo das estradas que indicam as possíveis direções de expansão do espaço urbano. Inclui a área de Guarús, até então negligenciada nos projetos de intervenção. Ele

preserva o núcleo central, respeitando a sua forma e estrutura originais, a harmonia com o sítio, daí a importância das curvas de nível na sua planta.

A partir do projeto de Saturnino de Brito, inaugurando a planificação urbana e do saneamento, as bases e as premissas da ordem e do progresso ficam colocadas, o que permitiria um crescimento e um desenvolvimento urbano ordenado e bem controlado.

Mas, o projeto de Brito não foi executado. Apesar dos discursos, denúncias, Posturas Municipais e medidas visando organizar e sanear o espaço urbano, durante os primeiros anos do século XX, a cidade sofreu com os problemas gerados pelas enchentes, doenças e estrutura do espaço urbano. O que se revela é a falta de intervenções concretas que visem a cidade como todo, como mostra este artigo cujo autor, aludindo ao projeto que Brito, avalia que a solução mais racional é um projeto global apoiado em bases científicas e lembra que:

«existe um projeto de saneamento para esta cidade. Presentemente, o famoso engenheiro que o concebeu, filho desta terra, está embelezando Recife. Atualmente o doutor Saturnino de Brito abre avenidas e instala água e esgotos na cidade que teve mais sorte que a nossa. Entretanto, Campos, seu berço, para quem ele dedicou com carinho um estudo e imaginou as necessidades para a qual ele concebeu um projeto de saneamento, parece só ter filhos ilustres para o benefício dos outros e das outras regiões. Este projeto, nobre estudo que sobre a arte e a higiene, relatório completo de nossas necessidades, foi negligenciado» (A Gazeta Povo de 26 de março de 1911).

O processo de modernização urbanística de Campos dos Goytacazes recebeu um grande impulso com a criação, em 1913, do imposto de exportação do açúcar que proporcionou um aumento nas finanças da prefeitura. Contudo, foi na gestão do prefeito Luiz Sobral¹⁶ que a cidade de Campos viu a concretização da construção da *Campos moderna*. Sob a gestão de Luiz Sobral, a Direção de Higiene e de Assistência Pública, em relatório publicado no *Anuário de Campos*, do ano de 1916, declarava que *as epidemias não encontram mais aqui terreno para se desenvolver. Campanha de vacinação, campanha de educação aplicada à higiene e à construção das habitações, etc.*”

Durante a sua administração, Luiz Sobral, embora não faça nenhuma menção ao Plano Saneamento de Campos elaborado por Brito, implementou as principais obras indicadas no Plano, tais como: o Novo Mercado Municipal; o Matadouro-Modelo; o Triturador de Lixo, o fechamento com os muros do Cemitério do Caju, o alargamento e calçamento de ruas na área central, construção de diques e muralhas ao longo do rio

Paraíba do Sul. Além disso, retirou cortiços da área central, desapropriando prédios insalubres e terrenos da zona urbana para utilidade pública, conforme demonstra o *Relatório da Prefeitura de Campos dos Goytacazes* apresentado ao Conselho de Vereadores, em novembro de 1915.

As ações políticas do médico Luiz Sobral tiveram uma grande repercussão no cenário nacional, trazendo a Campos para as inaugurações das obras de modernização da área central, o então “presidente” do Estado do Rio de Janeiro, o campista Nilo Peçanha e o presidente da República Wenceslau Braz¹⁷. Neste evento, também esteve presente um jornalista argentino correspondente do jornal *El Diario* e da revista *Caras y Caretas*, Manuel Láinez, que divulgou, através de uma publicação intitulada “Notas Del Brasil – Crônicas e Impresiones” (publicadas em *El Diario* de Buenos Aires, em 1917) suas impressões sobre Campos:

“Campos, ciudad que trabaja y rie – Lo que revelan nuestros diarios – El doctor Nilo Peçanha es el estadista mais notable. – Lo que el periodista argentino piensa del Dr. Luis Sobral y del coronel Sebastián Brandão.(...) Ellos me han revelado no solamente la cultura y el progressio moral e material de Campos, sino también su potencialidad financiera y comercial: los avisos de los diarios son los mejores termómetros de la vida económica de los pueblos. Y cuántos avisos tienen vuestros diarios! Campos me dió la sensación inmediata de una ciudad que vive, que prospera, que trabaja; he visto su movimiento de noche y lo he visto de día: vi una población alegre, bien vestida, que se divertía, que reía; vi una población sana, pues la risa es síntoma de salud, y vi luego la población que trabaja.

A reformulação do espaço urbano foi uma das estratégias adotadas pelo Poder Público para a realização de seu projeto de modernização. Campos e as principais cidades brasileiras passaram, então, por intervenções radicais nos tecidos urbanos, acompanhadas de discursos capazes de divulgar e introduzir, em todas as dimensões da vida social, o conjunto de valores e códigos sociais que deveriam orientar os indivíduos em direção a um cotidiano “civilizado”. Assim, a cidade, com sua nova organização físico-espacial, com seus símbolos do progresso (ruas calçadas, meios de transportes modernos, construções sofisticadas) dariam ao país uma imagem de civilização, aumentando a credibilidade de investidores externos. No decorrer do processo de modernização implementado para a nação, os médicos e engenheiros, assumindo a tarefa de normatizar, higienizar e disciplinar a sociedade, transformaram suas ações, em ações políticas, através do ingresso de muitos,

na vida político - administrativa. A cidade de Campos dos Goytacazes é um caso exemplar, onde a ação pública e política, principalmente dos médicos, acabaram projetando Campos no cenário nacional como uma cidade moderna. Ressalte-se que estas intervenções se concentraram na área central da cidade, provocando gradativamente a expulsão da população pobre em direção as áreas periféricas, dando início ao processo de divisão social do espaço urbano. Espera-se que a história das intervenções urbanísticas ocorridas na cidade possa contribuir com os projetos que almejam a modernização e preservação da área central da cidade, assim como a plenitude social, econômica e cultural.

Notas

¹ Pereira Neto, A. F. (2001). *Ser médico no Brasil - o presente no passado*. Rio de Janeiro, Fiocruz.

² Ver Herschmann, M. (1994) *A invenção do Brasil moderno – medicina, Educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro, Graal.

³ Costa, J. F. (1999) *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal.

⁴ Ver Neves, L. B. (1912) *A relação entre o engenheiro e o médico*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes.

⁵ Andrade, C. R. M. *A Peste e o plano. O urbanismo sanitário do engenheiro Saturnino de Brito*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP, 1992.

⁶ Fabris, A. (2000) *Fragmentos urbanos- representações culturais*. São Paulo, Nobel.

⁷ Pohlmann, M. A, em *O discurso higienista na construção da cidade moderna: O papel da revista A Aurora Letras, Artes-Sciência. Dissertação de mestrado, UENF, 2003*, aponta que durante três décadas, o cargo de presidente da Câmara Municipal e depois de Prefeito foi exercido por médicos: em 1895-1896, foi o médico Gesteira Passos; em 1901, 1907-1909 e 1928-1929, o médico Benedito Pereira Nunes; em 1910, o médico João Maria da Costa e, de 1915-1920, 1923/1924 e depois, em 1930, o médico Luiz Caetano Guimarães Sobral, cuja gestão estudaremos com detalhes neste artigo.

⁸ Ver Faria *Campos dos Goytacazes. Resources et virtualités d'une ville brésilienne: données de l'histoire*. Tese de Doutorado, EHESS, Paris, França. 1998 e "Projeto de modernização e mudança da morfologia social e urbana de Campos dos Goytacazes nos anos 1870/80 – novos equipamentos e infra-estrutura-urbana". In: *Anais do X ENANPUR*, Rio de Janeiro, 2001.

⁹ Segundo Alves (1996) "Campos dos Goytacazes. A reforma de Saturnino de BritoXPoder Público". In: *Cidades Brasileiras: Políticas urbanas e dimensão cultural*, São Paulo, 1998, esse interesse pela higienização da cidade não passava apenas pelo viés da erradicação das epidemias, havia um projeto político de tornar Campos dos Goytacazes, capital do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁰ O médico integrava a Comissão das Posturas Municipais criada em 1895, por Gesteira Passos. (Conf. *Livro de Acta de Instalação da Presidência da Câmara*, de 08/01/1895).

¹¹ O encerramento dessas obras foi comemorado e marcado pela construção de um Obelisco na avenida 15 de novembro.

¹² Benedito Pereira Nunes formou-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, concentrando os estudos sobre duas especializações: saúde pública e higiene. De posse desse conhecimento, Pereira Nunes trouxe para Campos o discurso higienista. Pereira Nunes também era integrante da Associação Comercial de Campos, entidade representativa no meio social e político da cidade que abraçou a campanha para que Campos se tornasse capital do Estado do Rio de Janeiro.

¹³ Brito, nasceu em Campos, em 1864. Em 1898, formou-se engenheiro civil, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

¹⁴ A planta baixa do projeto data de 1902 e o Relatório, intitulado Saneamento de Campos, foi apresentado impresso em 1903, à Câmara Municipal e em 1943, foi publicado em suas *Obras Completas*. Este estudo é considerado uma obra que inaugura uma nova leitura sobre a cidade enquanto organismo em crescimento e como meio em relação ao qual o engenheiro deverá intervir, redefinindo suas condições de salubridade (Conf. Andrade, Op. Cit).

¹⁵ O plano foi estudado com detalhes em Faria, 1998 (Op. Cit) e Amaral *Outras Posturas, outro espaço: O Plano Saneamento de Campos e reconfiguração sócio-espacial da cidade*. Monografia de Graduação (2005).

¹⁶ Luiz Caetano Guimarães Sobral nasceu no Rio de Janeiro, onde formou-se na Faculdade de Medicina.

¹⁷ O jornal *O Monitor Campista*, de 05 de novembro de 1916, publicou a inauguração das obras sob o título Melhoramentos de Campos.